

designaremos por Civilização Tercceária medeia o Período Transitório que, no momento, vivemos nesta parte do mundo. Neste Período Transitório distinguem-se, nítidas, três fases. Uma fase de arranque a que correspondeu, nas comunidades hoje evoluídas, a primeira Revolução Industrial; uma fase de expansão que, nos Estados Unidos se está agora processando; finalmente, uma fase de estabilização em que se processarão os ajustamentos finais antes de o novo equilíbrio ser atingido. Este esquema não é, como se viu, uma construção especulativa mas nasceu da observação e da análise cuidadosa dos factos. Se se explicou aqui, com certo pormenor foi por se julgar, com boas razões, que é largamente ignorado.

Diga-se desde já e com a maior clareza que nada disto é novo. Os factos, os números, as ideias foram respigado, citados, transcritos do que está feito e escrito já há anos.

Vejamos pois quais são os corclários e deduições fundamentais que é possível estabelecer a partir do que, até agora, dissemos:

1. *O progresso é o único meio de elevar, de modo visível e permanente, o nível de vida das comunidades.*

Só ele permite aumentar a produtividade do trabalho e acelerar o ritmo de produção da riqueza. Só ele logrou romper definitivamente o equilíbrio fundado na exploração da terra como actividade económica básica e cujas resultantes inescapáveis eram a escassez, a servidão económica da grande massa da população, a concentração do poder político nas mãos de uma estreita classe de privilegiados. Esta, exerceu-o, como era lógico, recorrendo a métodos autocritários, estabelecendo em seu benefício uma espécie de monopólio da instrução, usando de todas as formas necessárias de repressão.

2. *O progresso levou ao reconhecimento de que a condição básica da libertação económica do homem é, antes de ser uma questão de distribuição, um problema de eficácia.*

O trigo produzido no Canadá, sob regime capitalista era, ainda há bem poucos anos, apesar de cnerado com o lucro do produtor, quatro vezes mais barato que o trigo polaco; um operário chinês tem de trabalhar 20 a 30 vezes mais que um operário americano para ganhar o equivalente ao custo de um par de sapatos de couro; na Austrália há um automóvel para cada 5 pessoas e na maior parte dos países socialistas a equivalência é superior a 1 para 100. Isto, como se verá, nada demonstra relativamente aos méritos ou deméritos relativos aos dois regimes. Essa questão tem de ser vista a outra luz. Quer apenas dizer que a riqueza

SERVIÇOS DE CENSURA
AUTORIZADO
(SÉDE)
COM



Estamos longe, ~~sobretudo no chamado mundo Ocidental~~, de ter percorrido o caminho necessário. É esta uma longa história a que teremos, ainda, de voltar. Mas não há dúvida de que se cobriu já, neste sentido, uma distância apreciável. E o mais importante é, talvez, o ter-se reconhecido, pelo menos em princípio, que o que faz hoje a riqueza das nações (e das empresas), antes de tudo, o nível mental e de qualificação dos indivíduos que as compõem. Existem já sinais claros e alarmantes de escassez de talentos em certas zonas vitais da ciência, da técnica e da administração que ameaçam impor limitações e estabelecer desequilíbrios graves no plano do aproveitamento eficaz de formas de agrupamento moderno extremamente fecundo.

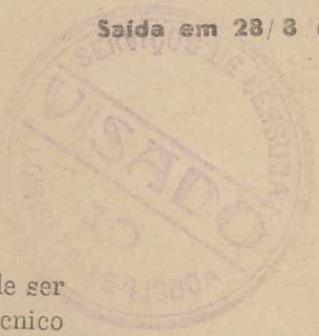
Não será pois pouco razoável pensar que o factor humano venha a constituir um obstáculo sério ao desenvolvimento futuro do progresso a menos que venha a ser utilizado com o mesmo método e a mesma eficácia com que aprendemos já a pôr, ao serviço do homem, as forças e os materiais.

5. *A civilização do futuro a que o progresso fatalmente nos conduz, será de tipo eminentemente Terceário.*

O progresso poderá, com efeito, vir a satisfazer adequadamente as necessidades do homem em Primário e Secundário e a fazê-lo com uma percentagem reduzida da população activa que, no limite, se situará, provavelmente, entre os 20% e os 15%. Mas não logrará conseguir aumentos espectaculares na produção de Terceário que escapa, como vimos, à sua influência, excepto em zonas marginais. A produção de Terceário só poderá expandir-se na medida em que aumenta o quantitativo global da população activa nela empenhada e está portanto sujeita a limitações fixas e bem definidas. Mas, à medida que o nível de vida (em Primário e Secundário) aumenta, logo que se encontrem satisfatoriamente cobertas as necessidades do homem em bens materiais o seu apetite pelo Serviços não cessará de expandir-se. É a este fenómeno, que se nota já claramente nas sociedades economicamente evluídas de hoje, que se veio a chamar, como dissemos, a «Sede de Terceário».

Esta nunca poderá ser inteiramente saciada. As fontes de produção são limitadas, a procura cada vez mais vasta, o custo cada vez mais alto. É assim, de um ponto de vista económico, a sociedade do futuro viverá, dominada pelos problemas ligados à produção e ao consumo de Terceário, os seus valores invadirão a vida económica de sorte que, ao fim e ao cabo, como diz Fourastié, nada será menos industrial que a civilização nascida da Revolução Industrial.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORT.



timentos, que só é justificado por vastos mercados e que apenas pode ser criado e posto em serviço mediante meios de investigação e apoio técnico poderosos, muito eficazes e altamente qualificados. Só a grande dimensão permite as técnicas, a investigação, os investimentos da Segunda Revolução Industrial. Só esta permite criar a riqueza que gera mercados de fonte equivalente. Isto não é megalomania de tecnocratas mas a realidade do tempo presente.

Com excepção das super-nações — a Rússia, os Estados Unidos e, amanhã, talvez, a China, o Canadá, a Austrália, o Brasil — a dimensão geográfica e económica da maioria dos países do mundo é demasiadamente acanhada e claramente insuficiente para implantar ou permitir a adopção dos métodos e meios que a segunda revolução industrial criou. Os Estados Unidos e a Rússia não tiveram nem têm dificuldade em fazê-lo porque eles se adaptam, à maravilha, à grandeza dos seus problemas específicos e é justamente nessa circunstância mais, talvez, do que em qualquer outra, que deve procurar-se a razão da prosperidade que se atingiu e da impressionante grandeza das realizações conseguidas.

A situação é já totalmente diferente na Europa. Países como a Inglaterra, a Alemanha, a França — para falar só nos mais evoluídos — que foram em larga medida os criadores da primeira Revolução que essa, sim, se adaptava bem à sua dimensão, estão hoje anquilosados na sua pequenez. A América tem quatro vezes a população da França mas, em poder económico, cada americano vale três franceses.

O parcelamento da Europa, os impecilhos e obstáculos administrativos, alfandegários, fiscais, políticos cruzam-se no caminho da sua adaptação à dimensão produtiva necessária e, deste modo, a distância que a separa das super-nações, será cada vez maior. É aí e só aí que têm de procurar-se as razões da sua perda de estatura e de influência no mundo e não, como se apregoa com insistência na desorientação política e no abandono dos seus valores tradicionais que de resto, variam radicalmente consoante o defensor.

Os esforços de integração postos em marcha até hoje são tímidos, lentos, hesitantes, de êxito problemático e, de qualquer modo claramente inapropriados. Era necessário andar muito mais depressa e ir muito mais além.

O parcelamento da Europa em pequenas e miúdas nações, mais ou menos rivais, de economia mais ou menos estanque, defendendo os seus interesses segundo posições tantas vezes claramente anacrónicas constitui uma espécie de feudalismo dos tempos modernos e é, sem dúvida, o maior obstáculo no caminho da sua prosperidade e de uma economia europeia à medida do homem.

(SÉDE)
 AUTORIZADO COM CORTES



8. ~~O progresso coloca, a cada passo, em questão, a validade da tradição. O período transitório que vivemos tudo põe em causa e os velhos métodos, ideias, concertos que serviram uma comunidade durante séculos, verifica-se serem as mais das vezes, nas novas condições, piores do que inúteis porque são nocivos.~~

A longa vigência da economia tradicional foi caracterizada por uma situação de estabilidade na vida social e do trabalho. Sabia-se existirem métodos de resultados seguros que eram seguidos há centenas de anos e que haviam sido adoptados e transmitidos geração em geração. Mas no período transitório que se iniciou com a Primeira Revolução Industrial assistiu-se à ruptura progressiva ou brutal deste equilíbrio secular, processo este que, longe de se atenuar com o tempo, adquiriu ritmo de impetuosidade crescente ao passar-se da fase de arranque à fase de expansão.

A tradição tem sido assim, cada dia, posta em causa, minada, desmentida, aniquilada de um modo brusco e imprevisível; e, embora conserve, em muitos aspectos, o seu valor na vida social vive-se, de facto, na permanente ignorância dos novos desmentidos que virá a sofrer, das áreas em que será invalidada.

Esta situação criou, como é compreensível, um clima geral de instabilidade e desorientação que tem tido consequências graves pois parece ser difícil ao homem comum viver num Universo em constante alteração. E, contudo, é essa primeira característica da prosperidade que a Revolução lhe trouxe. O que importa, fundamentalmente, é que compreenda o que se passa, donde veio, para onde vai, em que sentido caminha e o que, no futuro, parece seguro ou depende, em última análise, da sua atitude e da sua acção.

É este, talvez, um modo um tanto enfemístico de colocar o problema mas, sobre a sua validade essencial é essa a única reserva que lhe podemos assinalar.

A própria função social da propriedade privada, que é a pedra basilar das sociedades não socialistas, se alterou radicalmente nos últimos duzentos anos sem que as pessoas, no geral, se dêem conta do processo, embora sejam afectadas pelos seus efeitos. Na economia tradicional que prevaleceu no mundo durante milénios era o próprio alicerce do poder político e representava a condição de sobrevivência do príncipe e dos quadros do Estado. Em épocas de carência endémica em que as comunidades estavam permanentemente sujeitas aos cataclismos e às fomes cíclicas a existência de reservas que assegurassem, através de todas as

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTIL



«Nas grandes firmas, a democracia da sociedade anónima tornou-se fictícia.»

«Os 'directores', que a governam, não se supõem depender doutra autoridade do que a dos accionistas. Mas, na verdade, apoiam-se mutuamente, prestam contas sumárias a assembleias vazias e submetem-se o menos que podem ao sufrágio dos detentores de títulos praticando o auto-financiamento.»

«Em relação aos assalariados e aos poderes públicos, que estão igualmente interessados nos seus actos e cuja presença sentem mais fortemente, os directores não podem realmente argumentar que é de acordo com um mandato explícito dos accionistas que tomam as suas decisões. Não se sabe já em nome de quem actuam. Se exercem, como dizem alguns, 'um patronato de função' mais do que um 'patronato de propriedade' de quem são eles, afinal, funcionários? Quando não invocam um nulo, quando estão realmente submetidos a uma vontade exterior, esta nem sempre é 'legítima' no sentido dos próprios princípios do capitalismo.»

A função social da propriedade tende a tornar-se assim, pelo menos nas empresas que contam, e por vários modos, obscura e ambígua. O poder económico que ela representa está em mãos mercenárias — o que em princípio não é mau — mas que actuam livres de *contrôles* claros, não se sabe bem com que objectivos nem em nome de que interesses — o que não parece ser bom. Sobretudo, não é possível esclarecer em que conta têm o interesse colectivo. E como hoje a propriedade não tem já outras funções essenciais a desempenhar ou se há-de pôr ao serviço do bem comum ou então, como já se disse claramente não se vê bem como poderá justificar-se.

Mas não é este o ponto que pretendemos agora sublinhar. O que importa de momento pôr em foco é que, se as próprias raízes da civilização que criámos, se os seus princípios básicos estão deste modo abalados e obscurecidos no seu significado como é que as tradições que deles derivam podem conservar-se válidas?

9. *O progresso alterou totalmente a índole, a natureza, as sujeições e os próprios conceitos em que se baseou o trabalho humano e este facto veio a ter uma influência social profunda nas sociedades de hoje. Neste aspecto, a evolução das técnicas de organização de empresas desempenharam um papel de importância eminente.*

O que poderemos chamar a Revolução do Trabalho é muito mais recente que a Revolução Industrial e começou a processar-se apenas há

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTEL



cêrca de um século. Até então o trabalho era considerado e largamente aceite como um castigo de Deus — cultivarás a terra com o suor do teu rosto! A coesão foi o método universal e consistentemente adoptado para fazer trabalhar as pessoas. E quer o regime de trabalho fosse a escravatura, ou a servidão ou mais tarde ainda o poder sem entraves de quem o podia dar e pagar a alternativa que se punha a quem não era detentor de poder ou riqueza era sempre a mesma é só uma: trabalhar ou perecer — dos castigos, do ostracismo, da fome.

O advento da primeira Revolução Industrial não modificou as condições prevalecentes até então senão para as agravar.

São demasiadamente conhecidas as condições que sofreu o proletariado de então, a miséria, a degradação, a violência, a exploração do trabalho das crianças para que se justifique, aqui, insistir nesse ponto.

Não foi o progresso técnico mas os movimentos de carácter político e social que alteraram este estado de coisas com notável êxito e rapidez se olharmos para a questão de um ponto de vista histórico. No Ocidente foi fundamentalmente o movimento sindical que levou a tarefa a bom termo. Sòzinho, não teria provàvelmente ganho a batalha; decerto não o teria com a mesma rapidez. Mas, em face de uma situação de efervescência crescente que começava a dar sinais inquietantes de se tornar explosiva, o capitalismo burguês deliberou aceitá-lo, como o menor dos males.

Seja como for, o movimento sindical logrou conseguir vitórias de importância capital: — a negociação colectiva de salários, a regulamentação do trabalho da mulher e da criança, o direito à greve, a redução da duração da semana de trabalho — que chegou a ser de 96 horas — para 60, depois para 48, 44 e ainda menos, a previdência, o subsídio de desemprego, etc., etc.

Contudo, não lhe foi possível, ainda assim, modificar o que havia de essencialmente inhumano no trabalho industrial que a Revolução criou e cujas perturbadoras características ficaram fixadas na obra de Chaplin. Em próprio tive a oportunidade de as observar ao vivo, quando visitei Detroit, há precisamente vinte e cinco anos e posso afirmar que a imagem que nos deu do que era o trabalho numa cadeia de montagem era exacta.

Foi ainda o progresso, por vias, há que reconhecê-lo, um tanto indirectas mas perfeitamente lógicas que iniciou e está realizando a obra de redenção e humanização do trabalho. Em parte, pelos meios que lhe são próprios, em parte pelo estilo das tarefas que a própria elaboração tecnológica dos processos de produção impõe, em parte, finalmente, como resultado de evolução das técnicas e conceitos de organização. Diga-se desde

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTIL

Provas remetidas à Censura

em/ 22/10/64

Prova n.º 40

Saída em 28/8/64



ROMANCE INGLÊS DE HOJE

UM jovem inteligente e sensível das classes baixas consegue uma bolsa de estudos e vai à universidade. Já havia rejeitado o obscurantismo dos pais; rejeita também a pobreza. Mas sente-se isolado na nova classe onde passa a movimentar-se. Arranja, no entanto, um emprego razoável quando sai da universidade e tem uma atitude irónica em relação à vida.

Este podia ser o resumo dum romance de Kingsley Amis ou John Wain, como uma situação esquemáticamente semelhante é a base do romance do poeta Philip Larkin, Jill, que em 1946 iniciou a moda. O herói deliberadamente anti-heróico destas novelas é sempre descrito como inteligente, sensual e irreverente e as novelas estão sempre recheadas de situações cómicas ou, à falta delas, de divertidos trocadilhos verbais. São de leitura fácil e agradável. Criaram sem esforço o modelo logo aceite do jovem britânico do após-guerra, a ser também encontrado em John Braine, Keith Waterhouse, na Iris Murdoch do primeiro romance e no teatro de John Osborne. Este novo herói não está interessado em qualquer espécie de acção política, mas cultiva com carinho uma consciência liberal vagamente atenta; alterna uma auto-ironia mais ou menos agradada com uma raiva mais ou menos coerente; acha-se com direito, porque sim, ao que há de bom na vida, não estando interessado em controlar a riqueza com a aristocracia, nem em produzi-la, com o proletariado. Não é anarquista, como o intelectual «à deriva» de entre as duas guerras tendia a ser: não lhe passaria pela cabeça qualquer forma de intervenção directa. Considera-se demasiado adulto para qualquer tipo de idealismo. Despreza todos os emblemas dos grandes ideais, das grandes lutas, dos grandes propósitos. Os propósitos devem ser imediatos, os ideais realizáveis, as lutas pessoais: gozar a vida, ~~conseguir uma mulher boa~~, arranjar um emprego melhor. É, em última análise, arrivista e conservador, pois quem se recusa a tomar partido está sempre do lado da situação.

É significativo que alguns destes autores tivessem primeiro surgido agrupados em volta do movimento de poesia literária representado pela antologia New Lines, que aceitou como posição comum o verso de Kingsley Amis: «ninguém vai estar interessado em grandes temas nos tempos mais próximos». Mas a verdade é que um grande tema não é se não o tratamento que lhe é dado e que a recusa em explorar um tema até às suas últimas consequências é que o torna sempre, qualquer que ele seja, pequeno.

A recusa aos grandes temas é sem dúvida resultado da consciência da relatividade dos valores sociais contemporâneos. Comparando, por

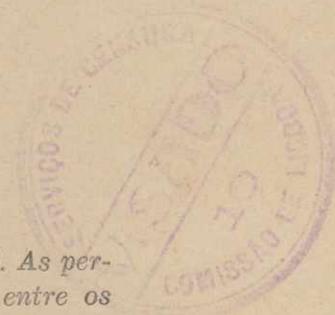
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORT.

Provas remetidas à Censura

em 22-10/64

Prova n.º 174

Saída em 28/8/64

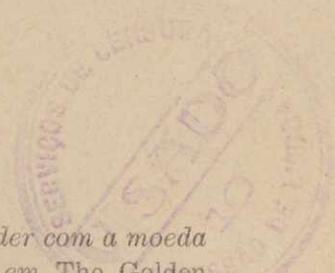


sobre a governação dos povos, cuja acção Wilson coloca em 1970. As personagens estão rigidamente tipificadas e o mundo é dividido entre os administradores do jardim zoológico e os animais. O tipo de linguagem usada, no entanto, como os nomes dos personagens, sugerem uma confusão de identidades entre os dirigentes e os dirigidos, entre os homens e os animais. O romance começa com a castração e morte de um dos guardas por uma girafa. A crise assim simbolizada exige acção imediata. A primeira tentativa é a solução liberal, proposta por Leacock: liberdade limitada. Todos os animais são transferidos para uma grande reserva onde poderão ser controlados mas onde se sentirão livres, condição fundamental para evitar nos animais a necessidade de violência. Esta solução falha. E o modo como folha é estabelecido por Wilson simultaneamente na fuga dos animais e na cena grotesca em que a filha de Leacock é devorada pelo cão com que mantinha relações sexuais. Tal como Bernard em «Cicuta e Depois», Leacock tem de escolher entre autoridade e liberdade. Leacock escolhe (e nesta escolha Wilson simboliza a falência do liberalismo): um lince recapturado é executado em praça pública para dar o exemplo. E tal como Bernard depois do episódio em Leicester Square, Leacock fica um homem destruído. A derrota de Leacock significa automaticamente o triunfo de Falcon. Nunca ninguém põe em causa a validade ou a necessidade de haver um jardim zoológico. Falcon é tradicionalista e autoritário, estando seguro de que na excessiva liberdade que Leacock consentiu aos animais é que reside a culpa de tudo. Os animais «sempre haviam vivido no jardim zoológico» e para lá deviam voltar. Aí, retomada a sua situação eterna na sociedade, e subordinados aos valores sagrados da Pátria e do Dever, os animais voltariam a conhecer a felicidade que os seus antepassados lhes legaram e que consiste em cada um saber o seu lugar na sociedade. Liberdade é um conceito romântico que se torna perigoso quando aplicado, criando problemas aos próprios animais que não sabem que fazer com ela. Os animais voltam portanto para o jardim zoológico. Mas estala a guerra. Falcon decide que o que é preciso é manter alto o moral da população, de modo que emite através de poderosos alto-falantes canções inspiradoras como «Home Sweet Home». Até que uma explosão o manda pelos ares e o seu cadáver tomba sobre a jaula do leão, o símbolo heráldico da Inglaterra. ~~Se os métodos de Leacock eram irrelevantes, os de Falcon são grotescos.~~

for um

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTIL

A ausência de uma perspectiva exterior ao universo que disseca é a maior limitação de Wilson como escritor e como moralista, diminuindo a força dramática das suas novelas, embora acentue o elemento de pesadelo que há na sua visão interior de uma sociedade agonizante.



ameaçado soube utilizar em seu proveito, negociando o poder com a moeda do conforto. Paralelamente, o mundo privado definido em *The Golden Notebook* é o de um ser que procura determinar a sua liberdade — liberdade política, sexual e psicológica — à luz do que foi, ou parece agora ter sido, no passado, o exercício da sua liberdade. Os dois planos não se encontram e no seu deslocamento situa Doris Lessing a problemática do indivíduo alienado numa sociedade alienada, que é a problemática central à sociedade contemporânea ocidental.

A obra de Alan Sillitoe parece apresentar, no seu conjunto, se não uma via para a solução do impasse cujos elementos Doris Lessing dissecou com uma honestidade extrema, as bases de uma nova mentalidade para a qual os próprios termos do impasse não fazem sentido.

Sábado à Noite e Domingo de Manhã teve o mérito imediato de desmistificar a noção do herói do proletariado, alternadamente visto como o ser simples e puro ou usado como bandeira política pelo escritor burguês ansioso de dissipar a sua má consciência num tipo de identificação que, se pode ser ideológica, dificilmente pode ser pessoal. Arthur Seaton não é simples, nem puro, nem heróico e mesmo a sua consciência política é vaga, embora tenha uma consciência de classe orgânica. É com base nessa consciência de classe, que Sillitoe estabelece como o fundamento para a dignidade devida a um ser humano nos únicos termos em que é digno aceitá-la, por se ser como se é, que em *The Loneliness of The Long Distance Runner* («A Solidão do Corredor de Fundo») o jovem presidiário se pode recusar a entrar no jogo dos governadores da prisão. Mas Sillitoe vê a consciência de classe menos em termos políticos (embora estes estejam presentes) do que em termos de definição de identidade, sendo classe uma expressão socialmente organizada do complexo de elementos que constituem os fundamentos da personalidade e o ponto de referência da sua individualização. A situação de *The Loneliness* (...) é clara: todos os anos, os alunos de uma elegante «public school» fazem uma corrida com os delinquentes juvenis encarcerados em Borstal, sendo a corrida parte do processo de recuperação procurada pelo Estado. Se o jovem presidiário ganhasse a corrida, como facilmente poderia, obteria melhores condições de vida. Mas o seu triunfo seria o triunfo da prisão, constituindo a aceitação tácita das regras em nome das quais foi preso e tornando irremediável a sua alienação. Uma situação semelhante é posta no contexto da guerra colonial inglesa na Malásia, em *The Key to the Door*. ~~A personagem central do romance conquista a sua identidade ao perceber que, lutando contra os indígenas, está a lutar contra si, pois a sua posição no mundo é idêntica à destes e não à dos seus comandantes.~~

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTIL

Provas remetidas à Censura

em/ 22/10/64

Prova n.º 50

Saída em 28/8/64



Em The General, Alan Sillitoe torna mais clara a sua posição intelectual, despidendo-a de todas as cotações políticas imediatas. Em vez de classes, contrapõe duas visões auto-suficientes do mundo, representadas por duas abstrações: mapas e música. Um General de não importa qual guerra, centrou nos mapas onde decide as suas batalhas a sua concepção do mundo. No decurso de uma campanha, o General captura uma orquestra que deve mandar matar. Mas, num breve contacto, reconhece no chefe da orquestra um ser curiosamente semelhante, ainda que estrangeiro — um ser igualmente individualizado por ser também possuidor de uma visão total e exclusiva do mundo. A troca de uns dias de vida, a orquestra dá um concerto para o General. Os músicos não entendem nada de mapas, mas o General começa a descobrir na música uma concepção mais perfeita do mundo. E a magia dos mapas vai a pouco e pouco desaparecendo para si. Acaba por mandar a orquestra em liberdade. Perde a guerra. Mas não se lamenta nem se aplaude. Tornou-se num ser diferente e mais complexo para quem os triunfos e as derrotas do mundo que anteriormente fora o seu deixaram de fazer sentido.

Enquanto que se o jovem corredor de fundo tivesse cedido às pressões dos governadores da prisão teria ficado alienado, o General, ao perceber uma concepção do mundo mais perfeita do que a sua, era se na sua contínuasse que ficaria alienado. Noutras palavras, se a alienação individual, numa sociedade de valores ultrapassados, é a absorção do indivíduo por essa sociedade, a própria sociedade continuará alienada enquanto não rejeitar os valores ultrapassados em que se baseia, reorganizando-se de uma forma que melhor abranja a sua realidade complexa. A posição dialécticamente orgânica de Alan Sillitoe comporta, assim, não só uma perspectiva iluminadora dos problemas em que se debate a Inglaterra contemporânea como é universalmente relevante.

SERVIÇOS DE CENSURA (PÉDE)
AUTORIZADO COM CORT.

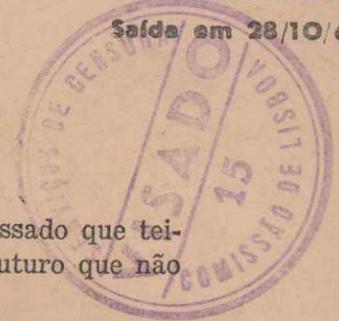
★

De uma forma ou de outra, os escritores analisados neste artigo estão interessados numa revalorização do conceito de identidade, vista sempre como uma manifestação concreta de ser, mas referida por cada um deles a concepções filosóficas de natureza diversa. Esta preocupação dominante está certamente na raiz do seu desinteresse por experimentação técnica. O que cria a necessidade de procurar novas formas, é a consciência de que as velhas já não servem para exprimir a realidade, por a realidade ou o conhecimento dela se haver modificado essencialmente. No início do século, a necessidade de experimentar relacionou-se com o estabelecimento

em 27-10/64

Prova n.º 23

Saída em 28/10/64



A confusão que alguns estabelecem em nome dum passado que teimam em ressuscitar, outros a promovem em nome dum futuro que não podem prever.

O ópio é o mesmo e nos seus efeitos dormitivos — para aqui e para agora — uns e outros confiam. O que implica, para quem esteja interessado em dissipar o fumo, um certo número de análises que permitam uma mais atenta lucidez.

IV

Uma das primeiras análises a tentar é a daquilo que seja um universo moral. E nisso a realidade se encontra também tremendamente mitificada. A denúncia dos erros elementares, por ignorância e má fé, com que se pretende caracterizar esse universo é a primeira tarefa a fazer.

O mundo moral não é um universozinho bucólico e agrário, onde os pobres se chamam pobrezinho e esperam, pacientemente, sob forma de esmolas ou qualquer acto unilateral de liberalidade os diferentes bens de carácter material, social, educacional, cívico ou religioso, a que no fundo têm direito. O feixe de imoralidades surcas e subterrâneas que suportam a imoralidade básica dum mundo dessa natureza necessitam de ser denunciados. Ela é o suporte e o «habitat» ideal de todas as formas de paternalismo. Do paternalismo local e do paternalismo central. Do paternalismo económico e do paternalismo social. Protela «ad nunc» a relação pessoa a pessoa, dado que o paternalismo é no fundo a mais segura, a mais enraizada, a mais profunda e por tudo isso a mais trágica forma de branja.

V

Um esquema de libertação do homem, um processo que o vá preparando para a sua promoção, preparação, auto-confiança, e auto-afirmação pressupõe necessariamente o progresso técnico mas deste não resulta necessariamente essa libertação. Ele pode pôr normalmente em perigo um tipo de sociedade que assenta na opressão anónima e integrada, nome do subcutâneo, na escravidão fatal dum povo, mas pode ser instrumento eficaz da construção duma sociedade que assente na opressão visível e imposta, no medo exposto, na escravidão legislada.

Daqui que se não deve fazer coincidir o bem comum com o progresso técnico. Ao fazê-lo, criou-se uma noção política de obra pública, o mito duma sociedade de abundância e bem estar que não pode ser o fim último e desejável, o aferidor normal da boa ou má condução dos povos. O maior metropolitano do mundo e a maior ponte do mundo, como as antigas pirâmides, pesam às vezes sobre os ombros dos modernos escravos da Núbion.

O bem comum das sociedades diz respeito à forma de existência e convivência dos membros que compõe o agregado e que por isso e necessariamente é um bem comum de natureza moral que as pessoas devem procurar conscientemente erguer. Uma sociedade que não repouse em

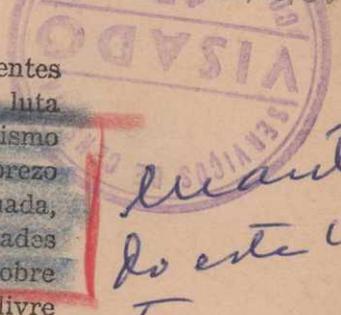
SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

Man
fidn
este om

entz. f. m.
12-XI-64

R. M. G.

entz.
efeito
R. M. G.



*Mauro
do este m
te
R. H. G.*

os fenómenos é sempre uma forma de demissão das obrigações inerentes a quem foi dado nascer e com forma e figura humana. Recusar a luta pela libertação do homem, que é no fundo o que significa o pessimismo perante o mundo moderno em todas as suas formas quer pelo desprezo aristocrático, quer pelo medo do futuro, quer pela ignorância desarmada, quer pela impreparação para enfrentar um mundo de responsabilidades e não de privilégios, quer pela astúcia de querer conservar o poder sobre um rebanho — é um fenómeno de sub-humanidade. Só o homem livre é capaz de viver num mundo de homens livres.

Mas em contrapartida não é com um optimismo ingénuo que o homem vencerá o futuro. A nossa confiança no homem não é qualquer coisa de abstracto. É uma confiança que deve basear-se nos seus actos quotidianos. É uma confiança que se baseia no seu esforço constante, na sua constante vigilância e na sua constante atenção. Ao socialismo eufórico e optimista de Jauvez deve opor-se o socialismo crucificante, ascético e trágico de Peguy. Só assim o homem merecerá a sua própria libertação.

VII

Cabe ainda dizer que é possível que mais dia menos dia o progresso técnico cumpra a sua missão. Que a sociedade do bem estar e da abundância se instale. Que os teóricos do progresso — felizes videntes e felizes criadores — nos entreguem a sociedade que previram e prometeram. Creio que é então que tudo recomeçará por aquilo que é mais importante. É difícil viver sem uma ideia para o amanhã: uma qualquer perspectiva é indispensável ao equilíbrio mental do indivíduo. Sem uma tarefa colectiva uma sociedade não poderá viver.

Realizado o desenvolvimento económico político que veio dar o bem estar material a certas sociedades — e as consequentes manifestações de cansaço, fastio e apatia tão denunciadas — teremos que procurar um ideal de ulterior progresso sobre o qual e para o qual o dinamismo da sociedade possa retomar a sua criação.

Não será legítimo propor-lhes uma fé de minoria à maneira dos velhos filósofos, e não se sabe em que medida a experiência, a análise, a atenção aos fenómenos quotidianos poderão fundamentar um ideal de prospecção que nos seja proposto.

Talvez nessa altura o homem ao plano colectivo tenha que procurar um universo moral mais exigente que seja a sua razão de viver. O nosso mundo moral é ainda provocado e exterior. O homem só sente desperta a sua solidariedade pela presença exterior do sofrimento, da fome, da miséria e da dor. E a sua má consciência é talvez a fonte do seu universo moral. Não sei se os homens já estarão preparados para viver tranquilos. Um dia essa solidariedade tem que ser espontânea e natural, talvez nessa altura o homem tome consciência duma profunda e misteriosa solidariedade que a todos nos liga do princípio ao fim dos tempos. Talvez então descubra que só em complementar ligação com todos — sem distinguir judeu de grego, escravo de homem livre, homem de mulher — ele se encontrará em equilíbrio criador, e que tudo isso teria valido a pena isolar-se o próprio Deus.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTE

*S/esperto en
te m
R. H. G.*

